

vvogas@redegazeta.com.br Tel: 3321-8319

## PRAÇA OITO

Vitor Vogas



*A Escola Manoel Abreu, em Linhares, não possui quadra esportiva ou área específica para Educação Física. Já a Marcondes de Souza (Muqui) funciona “temporariamente” dentro da própria quadra.*

### A educação de ponta

No último dia 2, a coluna fez um tour pela Escola Viva São Pedro. Ali o governo Paulo Hartung experimentou e aplicou, ao longo do 2º semestre, toda uma metodologia de ensino diferente e, por enquanto, exclusiva daquela unidade.

“A diferença é que a maioria das escolas enfoca só os conteúdos acadêmicos, enquanto aqui trabalhamos com três eixos: além dos conteúdos, enfocamos a formação em valores humanos e as habilidades do século XXI, como relacionamentos interpessoais”, explica a coordenadora pedagógica Eliana Bravim.

Efetivamente, na manhã passada na Escola Viva, a coluna pôde constatar uma visível preocupação com a formação humanística e, principalmente, com o desenvolvimento da criticidade dos estudantes, por meio da arte e do estímulo ao debate de conteúdos sociopolíticos atuais.

Prova viva desse incentivo é o aluno do 1º ano Ademilson Ferreira Junior (16), ou simplesmente Set, nome artístico pelo qual é chamado pelos colegas. Até o fim do ensino fundamental, o jovem morador de Nova Palestina estudou numa tradicional escola da rede municipal, a Neusa Nunes Gonçalves, no mesmo bairro. Agora, está curtindo a transição.

“As outras escolas procuram só ensinar Matemática, Português... Aqui procuram abrir a mente do aluno. E a gente procura colocar isso em prática no dia a dia”, diz o aspirante a rapper, que também destaca a forte interação entre alunos e mestres.

Uma das inovações da Escola Viva busca promover precisamente o estreitamento dessa relação: o programa de tutoria. Cada aluno, sem exceção, possui um professor diretamente responsável por acompanhar o seu desenvolvimento. As conversas a dois são semanais. “Você pode falar sobre qualquer coisa. E eles estão sempre disponíveis a escutar, a qualquer hora. Isso é bem legal”, aprova Set.

Nos intervalos das aulas, o jovem cos-

tuma promover batalhas de rap entre os colegas, incluindo convidados de fora, pois a cultura hip hop é muito forte na Grande São Pedro. “Ajuda no nosso raciocínio.” Ele chegou a arriscar um improviso junto com a colega Ariane (16), imbatível campeã das rimas na escola.

Mas, se nos improvisos as palavras fluem espontaneamente, é na disciplina eletiva “Descomplicando a Política”, parceria entre os professores de História e Geografia, que os estudantes aprendem a organizar e expor em público as ideias com argumentos e oratória adequados, em debates semanais mediados pelos mestres (que não intefere na tomada de posições, mas estimulam o senso crítico e cívico e munciam as discussões com artigos sobre o tema previamente definido). O do dia da visita era a possível revogação do Estatuto do Desarmamento.

Alguns alunos fariam inveja a deputados estaduais. Por motivos óbvios, foi o ponto alto da visita para o colunista, que, por dever de ofício, se vê diariamente às voltas com o mesmo desafio de “descomplicar a política” para os leitores.



### A educação da outra ponta

Na Escola Viva, entre paredes cobertas por versões de clássicos do Renascimento e um muro reservado à grafiteagem dos alunos (continuamente renovado), há diversas “salas temáticas”, como a de Artes, onde sobressaía a releitura de um Portinari feita pelos próprios estudantes. Em paralelo, há escolas da rede estadual onde uma boa mão de tinta na fachada já seria um belo começo para tornar o local mais atraente à aprendizagem. Exemplo disso é a Fernando de Abreu, em Atílio Vivacqua, no Sul do Estado. Fotos e relatos telefônicos de dois professores (que preferem ficar no anonimato) confirmam: o colégio está desabando a olhos vistos.

“A última chuva que teve alagou o 2º andar todo. Dos cerca de 25 computadores, só tem uns cinco funcionando. Teve perda de livros. A bibliotecária foi demitida, e os alunos ficaram meses sem biblioteca. Um dos blocos do edifício foi abandonado porque tá muito perigoso. Tem muito risco elétrico. Você vai acender a luz e leva choque. Tá tudo muito feio, tudo descascado e pichado. Algumas salas estão todas mofadas. O auditório tá condenado. O teto envergo e há muito

tempo tá assim”, descreve um dos dois.

Ele conta que a comunidade escolar começou uma pequena reforma por conta própria, “porque, se for esperar alguma coisa, não tem...”. Obviamente, esse cenário tem efeito demolidor sobre o entusiasmo dos alunos. “Os novos, do 1º ano, vêm de uma escola municipal bem melhor, então levam um choque inicial. Os de 2º e 3º ficam mais acostumados...”

Mas não é preciso ir tão longe para testemunhar drama parecido. Na Jesus Cristo Rei, no bairro São Francisco, periferia de Cariacica, o colunista esteve no dia 26 de novembro, mas não obteve permissão da diretora para conhecer a escola por dentro (regra nesta apuração). Tampouco foi necessário. De fora, é possível enxergar o interior, através das verdadeiras crateras que “decoram” o muro externo. Isso sem falar na água jorrando de canos diretamente na calçada.

Como mostramos ontem, a sete quilômetros da Escola Viva, está a Hildebrando Lucas, visitada pela coluna naquela mesma tarde, onde verificamos situação bastante similar, senão pior.

Antes de dar a visita ali por encerrada, um detalhe se impõe ao olhar do jornalista. No mural da entrada, um cartazinho anuncia: “Vem aí o HL News!”. O jornalzinho produzido por alunos era um projeto da professora de Português, que não chegou a sair do papel (ou no papel). Tivesse saído, os “repórteres” na certa teriam algumas cobranças a fazer (o que a coluna faz por eles agora). De todo modo, eis a prova de que, apesar das muitas dificuldades, resiste dentro do triste prédio um sopro de motivação e de criatividade por parte de alunos e docentes. Mas sozinhos eles não conseguem.

[gazetaonline.com.br](http://gazetaonline.com.br)

Extras. Veja no Gazeta Online o rap de Set e Ariane e uma galeria de fotos das escolas citadas.